

FEIRA AGROECOLÓGICA DO CAMPUS I DA UFPB: (RE)CONSTRUINDO A RELAÇÃO PRODUTOR/CONSUMIDOR NA LÓGICA CAMPONESA

Thiago Araújo Santos¹ - thiagoasan@yahoo.com.br
Valéria de Marcos² - demarcos.valeria@terra.com.br

INTRODUÇÃO

*Não serei o poeta de um mundo caduco.
Também não cantarei o mundo futuro.
Estou preso à vida e olho meus companheiros.
Estão taciturnos mas nutrem grandes esperanças.
Entre eles, considero a enorme realidade.
O presente é tão grande, não nos afastemos.
Não nos afastemos muito, vamos de mãos dadas. (...)*
Carlos Drummond de Andrade.

O presente trabalho apresenta alguns dos resultados obtidos pela pesquisa/atividade de extensão realizada sobre a feira agroecológica que se desenvolve semanalmente no Campus I da UFPB. O nosso objetivo é o de construir com os camponeses melhorias para a feira, tanto no que diz respeito ao processo produtivo, quanto na comercialização dos produtos. Não entendemos a produção e a comercialização como processos dissociados, mas, para obter um melhor resultado diante das questões específicas em cada um desses processos, decidimos criar “frentes de trabalho” para melhor facilitar a ação. Para a resolução dos problemas ligados à produção, criamos a primeira “frente de trabalho”, que é aquela que tem como objetivo a construção de *Centros de Apoio à Produção Agroecológica*. Para a comercialização, criamos duas “frentes de trabalho”: a primeira delas está ligada ao projeto de *mudança de local* da feira e a outra se refere à construção de uma *certificação social* para os produtos orgânicos. Objetivamos, nessa perspectiva, iniciar a revitalização da feira agroecológica, como também construir uma relação ainda mais próxima entre camponeses produtores e consumidores. Iniciaremos o presente trabalho com a história da edificação/efetivação da feira agroecológica da UFPB; em seguida iremos expor os problemas mais freqüentes existentes na feira

¹ Estudante de Graduação em Geografia / Bolsista de Extensão – DGEOC/CCEN/UFPB.

² Prof.a Dr.a do DGEOC/CCEN/UFPB e Coordenadora do projeto de Extensão intitulado “Feira Agroecológica do Campus I da UFPB: (re)construindo a relação produtor/consumidor”.

atualmente e, posteriormente, argumentaremos sobre as formas pelas quais o nosso projeto está atuando para a solução de tais problemas através das frentes de trabalho.

A HISTÓRIA DA FEIRA

Hoje, se a gente traz, vamos supor, um saco de macaxeira, a gente consegue apurar num saco de macaxeira 35, 40 reais. Se a gente for vender ao atravessador ele vai comprar por 20, 25 reais o saco e o saco dele dá quase dois, né? Porque o normal de um saco de macaxeira é 60 quilos e eles conseguem botar até 80 quilos ³.

Várias são as críticas feitas ao atual modelo de reforma agrária proposto pelo governo federal. Nesse modelo, a produção dos alimentos dos projetos de assentamento ora está sob o domínio dos intermediários atravessadores (MARCOS, 1998), ora do próprio capital, que sujeita a renda da terra e torna a produção camponesa sua dependente (MARTINS, 1990). Em ambos os casos o trabalho camponês na produção dos alimentos é subordinado ao *outro*, ou seja, a produção está subordinada à circulação (OLIVEIRA, 1987). Essa subordinação é ainda mais visível quando existe uma mudança de prioridades na lógica de produção, estando, em muitos casos, os camponeses sujeitos a produzirem e destinarem essa produção para empresas capitalistas, em detrimento do próprio consumo familiar⁴. Nos assentamentos paraibanos a situação não era diferente: diante das dificuldades de acesso ao crédito, de alternativas para a comercialização, os camponeses assentados entregavam a produção ao intermediário, e muitas vezes vendiam o produto antes mesmo da colheita, na *folha*⁵, como costumavam dizer (MARCOS et al., 2005). Foi então na tentativa de possuir certa autonomia sob o processo produtivo dos alimentos e de obter um canal direto de comercialização dos produtos da reforma agrária, que os camponeses de assentamentos da região da várzea paraibana, com apoio da CPT, iniciaram discussões a respeito de soluções alternativas para os problemas citados.

³ Frase extraída de uma entrevista realizada com Marcos A. T. de Oliveira, membro da coordenação da Ecovárzea e assentado do P.A. Dona Helena, em Cruz do Espírito Santo-PB.

⁴ Estima-se, por exemplo, que cerca de 225 mil de camponeses dedicam-se à produção de soja para o agronegócio no Brasil. (OLIVEIRA, 2003).

⁵ Uma pesquisa realizada em doze áreas de assentamentos rurais paraibanos apontou que 23% dos camponeses das áreas estudadas comercializam a produção antes da colheita do produto, em muitos casos não precisando sequer se responsabilizar por esta. (MARCOS, 1998).

Uma primeira reunião se deu com participação dos camponeses, secretários de agricultura, prefeitos de municípios, representantes da EMATER, Banco do Nordeste e da UFPB. Dessa reunião surgiram várias propostas para a solução dos problemas nos assentamentos, dentre estas: venda da produção direta às escolas, creches, hospitais, em caminhões itinerantes, como também a criação de uma Central de Abastecimento. A idéia mais aceita foi a da criação da Central de Abastecimento, onde, através dela, seria possível comercializar a produção diretamente aos consumidores. No entanto, a proposta da Central de Abastecimento não obteve êxito devido à pouca produção e diversificação dos alimentos. Apesar da frustração, os camponeses não abandonaram a idéia de comercializar a produção diretamente aos consumidores, buscando então locais apropriados para o estabelecimento de uma feira. Tentaram inicialmente no município de Sapé, em uma área abandonada próximo ao local de realização da feira-livre daquele município, mas não houve o apoio necessário da prefeitura. Buscaram então iniciar uma feira em Santa Rita, mas a prefeitura também não se mobilizou, alegando que haveria conflitos com os feirantes-livres ali existentes. Em decorrência das sucessivas frustrações e da permanência dos problemas dos assentamentos, as reuniões tiveram cada vez menos participantes (MARCOS et al., 2005).

Foi a partir de então que se deu a busca por um modelo que pudesse estabelecer, de um lado uma maior consolidação na comercialização e, de outro uma produção mais segura. O modelo que atendia a esses requisitos foi encontrado por uma representante da Cáritas da Paraíba, no município de Santa Maria, no Rio Grande do Sul. Foi conhecendo as experiências das feiras agroecológicas naquele município, e percebendo a viabilidade destas, que essa representante resolveu compartilhar os ensinamentos ali obtidos com os camponeses da região da várzea paraibana, trazendo o regimento interno de uma daquelas feiras para ser estudado pelos camponeses. A experiência da feira agroecológica do município de Santa Maria foi de fundamental importância para que os camponeses da região da várzea percebessem a viabilidade da opção pela agroecologia, como bem pode ser observado através das palavras de um deles:

Além de a gente vender os nossos produtos à população diretamente, ia vender um produto de qualidade, sem uso de agrotóxicos e química, defendendo o meio ambiente ⁶.

⁶ Frase extraída de uma entrevista realizada com Marcos A. T. de Oliveira, membro da coordenação da Ecovárzea e assentado do P.A. Dona Helena, em Cruz do Espírito Santo-PB.

Foi diante das várias dificuldades encontradas para a produção e comercialização dos produtos da reforma agrária nos assentamentos da região da várzea paraibana que a idéia da agroecologia foi aceita e o interesse na reprodução das experiências trazidas do Rio Grande do Sul foi grande. Iniciou-se então a diversificação e a produção de hortaliças nos princípios da agroecologia até que no ano de 2001 a Cáritas conseguiu R\$ 6.000,00 como recurso para o início da primeira feira agroecológica. O interesse inicial era o de implantar uma feira no Campus I da UFPB, mas, em decorrência de uma greve que ocorria naquele momento, houve a necessidade de se buscar um outro local. Foi então escolhida uma área da Praça Cristo Rei, no bairro de Mangabeira, em João Pessoa - PB. Embora o bairro de Mangabeira fosse bastante populoso, a feira agroecológica não obteve o sucesso esperado naquele local⁷, em decorrência, sobretudo, da concorrência com o Mercado Público daquele bairro.

Percebendo a queda sucessiva no faturamento das feiras em Mangabeira, os camponeses decidiram buscar o apoio da universidade, discutindo com a Prefeitura Universitária a possibilidade de implantação da feira no Campus I da UFPB. A idéia foi aceita pela universidade e a primeira *feira agroecológica do Campus I da UFPB* foi realizada em maio de 2002, em uma área próxima ao Restaurante Universitário, tendo sido remanejada posteriormente para o estacionamento próximo à Biblioteca Central, onde está até hoje (FOTO 1). Desde o início a feira obteve uma grande aceitação por parte da comunidade universitária, como também dos clientes que vêm de outros bairros. Tal aceitação é atribuída, entre outras coisas, à localização da feira em um campus universitário, que abre possibilidade de contato dos camponeses com pessoas mais conscientes e críticas em relação aos produtos que consomem. No início da feira agroecológica na universidade, os produtos orgânicos eram expostos em 10 barracas. Os resultados alcançados foram tais que hoje ela conta com um total de 20 barracas onde participam cerca de 40 pessoas diretamente e aproximadamente 90 pessoas indiretamente. Fazem parte da feira agroecológica do Campus I da UFPB, camponeses de quatro assentamentos de reforma agrária e um acampamento. São eles os assentamentos: Dona Helena, localizado no município de Cruz do Espírito Santo-PB; Padre

⁷ Foram realizadas cinco ou seis feiras em Mangabeira, mas o dinheiro obtido ao final de cada feira era cada vez menor, chegando o ponto de terem que tirar dinheiro do bolso para pagar o frete (MARCOS et al., 2005).

Gino, Rainha dos Anjos e Boa Vista, localizados em Sapé-PB; e o acampamento Ponta de Gramame, localizado no bairro de Valentina, em João Pessoa-PB.



Foto 1 / Vista das barracas da feira agroecológica no estacionamento próximo à Biblioteca Central/UFPB.

Foto: Thiago A. Santos / 05.05.2006.

Os camponeses da feira estão organizados através da “Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicos da Várzea Paraibana – Eco Várzea”, associação esta criada em 2004 e que tem por objetivos: unir os camponeses que optaram pela agricultura agroecológica, buscando a garantia das condições de continuidade da produção e comercialização da produção e comercialização dos associados; criar canais de escoamento da produção; fortalecer a autogestão dos camponeses e intermediar na elaboração de projetos que visem a melhoria das condições de produção dos associados (MARCOS et al., 2005).

O PROJETO E AS FRENTES DE TRABALHO

O projeto “Feira Agroecológica do Campus I da UFPB: (re)construindo a relação produtor/consumidor”⁸, é parte integrante de um projeto maior, cujo título é “Feira Agroecológica do Campus I da UFPB: Certificação Social e Revitalização”⁹. Os projetos atuam de forma consorciada e multidisciplinar, tendo participação de estudantes de cursos distintos¹⁰ e com professores de áreas diversas na coordenação, com o objetivo de trazer contribuições para a solução de alguns problemas existentes na feira, bem como colaborar para a superação de algumas dificuldades enfrentadas na produção pelos camponeses que dela participam.

Os problemas encontrados estão ligados tanto à produção nos assentamentos, quanto à comercialização. No que se refere à produção, foram observadas uma série de deficiências ligadas ao planejamento, ausência de alguns insumos agrícolas, pouca produção, entre outras. Quanto à comercialização, os problemas encontrados estão ligados, na maioria dos casos, à infra-estrutura da feira. Partindo destas questões, optou-se por dividir o projeto em frentes de trabalho, no intuito de otimizar os trabalhos para a promoção das melhorias necessárias para a feira.

A primeira frente de trabalho está ligada à criação de *Centros de Apoio à Produção Agroecológica*; a segunda se refere ao projeto de *mudança de local* da feira agroecológica e a terceira frente trata do processo de construção da *Certificação Social*.

Centros de Apoio à Produção Agroecológica

A idéia da construção dos *Centros de Apoio* foi concebida no intuito de amenizar as dificuldades dos camponeses e contribuir para o alcance da auto-sustentabilidade da produção agroecológica nos assentamentos que participam da feira. Essa idéia foi aceita com grande expectativa e, para colocá-la em prática, é prevista a construção de dois *Centros*, sendo um no assentamento Padre Gino e outro no assentamento Dona Helena, por serem aqueles que possuem o maior número de camponeses participantes na feira.

⁸ Projeto Coordenado pela Prof.a Dr.a Valéria de Marcos do DGEOC/CCEN/UFPB.

⁹ Projeto Coordenado pelo Prof. Dr. Paulo José Adissi do DEP/CT/UFPB,

¹⁰ O projeto tem participação de cinco estudantes de três diferentes cursos, sendo estes: Thiago A. Santos (Geografia), Mariana Borba (Geografia), Katia Cristina do Vale (Geografia), Cida Alves (Jornalismo), André Duarte (Engenharia de Produção).

Para obter melhores resultados na construção dos *Centros*, parte da equipe do projeto se dirigiu ao município de Lagoa Nova-PB, no intuito de conhecer a experiência de *agricultura orgânica* do “Sítio Utopia”, como também coletar informações que pudessem contribuir para o processo de construção dos *Centros*¹¹. Nesta visita foi possível planejar alguns dos encaminhamentos para a elaboração de uma reunião, realizada no dia 21 de maio de 2006, no assentamento Pe. Gino (FOTO 2), onde foram discutidas, entre outras coisas: o planejamento para a construção do *Centro de Apoio*; o processo de planejamento da produção; os problemas mais frequentes na produção e a forma como o *Centro* poderá contribuir para a resolução destes. O material necessário para o início da construção já está no assentamento, devendo esta ser iniciada nos próximos dias, através do trabalho coletivo dos próprios camponeses envolvidos com a agroecologia no assentamento.



Foto 2 / Reunião de planejamento para a construção do *Centro de Apoio à Produção Agroecológica*, no assentamento Pe. Gino, em Sapé-PB. **Foto:** Thiago A. Santos / 21.05.2006.

¹¹ Várias informações foram concedidas pelo proprietário do “Sítio Utopia”, Paulo de Luna Freire, que nos acompanhou até o assentamento Pe. Gino para discutir, com os camponeses, questões ligadas ao *Centro de Apoio*.

Está prevista uma reunião com os camponeses para o início da construção do segundo *Centro*, este localizado no Centro Rural de Formação (CRF), no assentamento Dona Helena, em Cruz do Espírito Santo-PB. Nesta reunião será definida a forma como será o processo de construção do *Centro de Apoio* e os primeiros encaminhamentos para que a construção tenha início.

Será construído, em cada um dos centros, um *minhocário*, para a produção de minhocas, que posteriormente deverá possibilitar a construção de novos *minhocários*. Numa fase sucessiva, estes *minhocários* deverão ser responsáveis pela produção de *húmus* a ser destinado aos interessados na aplicação destes para o melhoramento da fertilidade do solo.

É prevista também a instalação de uma estrutura de produção de *biofertilizantes* naturais para o uso dos camponeses na produção dos alimentos orgânicos, como também uma estrutura para a *produção de mudas*¹² que serão destinadas aos camponeses, no intuito de possibilitar o aumento e diversificação da produção destinada à feira. As construções serão acompanhadas de oficinas interativas, no intuito de adequar a estrutura dos *Centros* às expectativas expostas pelos camponeses.

Mudança de Local da Feira

A segunda frente de trabalho tem por objetivo auxiliar na resolução dos vários problemas encontrados no momento da comercialização dos produtos¹³. Entre estes, destacamos a pouca presença de pontos d'água, ausência de banheiro para os camponeses em todos os horários¹⁴, manejo inadequado dos alimentos prontos, ausência de freezer para o armazenamento de carnes, falta de um local para guardar as barracas, etc. Além dos problemas citados, os camponeses e clientes alegam que no atual local onde a feira se encontra torna-se, muitas vezes, difícil transitar devido à grande presença de automóveis estacionados (FOTO 3) e que os produtos expostos acabam recebendo poeira originada da movimentação dos carros na área da feira e gases emitidos pelos escapamentos dos automóveis.

¹² As mudas deverão ser produzidas em bandejas de isopor, que estarão organizadas em uma estufa no interior do *Centro de Apoio*.

¹³ Vários dos problemas encontrados foram apontados pelos clientes através das respostas dadas à um questionário aplicado pela equipe do projeto no local e dia de feira, no mês de Agosto de 2005.

¹⁴ Os camponeses fazem uso do banheiro do Restaurante Universitário, que só abre às 8:00hs, no entanto a feira se inicia às 5:00hs, estando eles, portanto, sem banheiro disponível em grande parte do horário de feira.



Foto 3 / Automóvel estacionado muito próximo às barracas da feira.
Foto: Thiago A. Santos / 12.04.2006

Uma outra dificuldade dos camponeses feirantes e dos clientes refere-se à forma pelas quais alguns produtos ficam expostos. É comum expor em caixas no chão, sobretudo as frutas e a macaxeira, sendo necessário aos clientes e camponeses abaixarem-se para ter acesso aos produtos. (FOTO 4) Tal manejo torna ainda mais difícil a rotina já cansativa dos camponeses que comercializam na feira agroecológica, em razão do desconforto decorrente da ausência de uma estrutura de suporte para as caixas dos produtos.



Foto 4 / Caixas no chão, dificultando o manejo dos produtos.

Foto: Thiago A. Santos / 05.05.2006.

No intuito de resolver os problemas citados, discutimos com os camponeses a viabilidade de mudança de local da feira, sempre dentro da universidade, acompanhada da instalação de uma infra-estrutura capaz de trazer melhorias significativas para todos os participantes. Aceita a idéia, definimos em conjunto o local e encaminhamos um projeto que está, no momento, sendo avaliado pela prefeitura universitária. Estamos, no presente momento, aguardando posicionamento dos mesmos, fato que deverá ocorrer nos próximos dias. O novo local deverá possuir um compartimento para os que trabalham com alimentos prontos, com pia, freezer, cobertura e espaço para colocar mesas, além de dois banheiros com vestiários. As barracas se posicionarão sempre ao lado da referida estrutura nos momentos de feira, e serão guardadas no local ao seu término. Se aprovado o projeto pela prefeitura universitária, a instalação deverá ser feita no estacionamento em frente ao departamento de música da UFPB, próximo ao CCHLA. Uma das vantagens desse novo local é a sombra constante nos horários de funcionamento da feira, decorrente da arborização intensa.

Certificação Social

A idéia do estabelecimento de uma certificação para os produtos da feira agroecológica surgiu em decorrência da necessidade de oferecer aos clientes uma garantia da procedência agroecológica e do caráter orgânico da maioria dos produtos comercializados na feira. No entanto, a certificação, nos moldes convencionais, torna-se inviável devido ao alto custo da sua implantação, surgindo a necessidade da busca de um outro tipo de certificação. Foi então que surgiu a idéia da elaboração de uma *Certificação Social*, a ser construída em comum acordo pelos camponeses e clientes da feira através de um grupo a ser formado com representantes dos dois segmentos, grupo este que irá definir os critérios para garantia de procedência para os alimentos, levando em consideração as dificuldades e problemas existentes hoje nas áreas envolvidas com a feira agroecológica.

O processo de construção da *Certificação Social* da feira agroecológica passou já por uma fase inicial de discussão realizada pela equipe do projeto, onde algumas decisões foram tomadas a respeito dos caminhos a serem traçados para a sua elaboração. Para iniciar a construção da *Certificação Social*, no dia 28 de abril de 2006, foi realizada uma reunião com

clientes e camponeses para a realização do “Primeiro Encontro Para a Certificação Social”, na sala multimeios da Biblioteca Central da UFPB (FOTO 5). Neste encontro foi realizada uma palestra pelo coordenador do projeto, o Prof. Dr. Paulo José Adissi, cujo tema foi “*Certificação Social e Agroecologia*”. Após a palestra foi iniciado um debate a respeito das dificuldades na produção dos alimentos orgânicos, onde, através deste, pudemos levantar algumas sugestões para a certificação de alimentos.



Foto 5 / Primeiro Encontro para a Certificação Social. Sala de Multimídia – UFPB.
Foto: Thiago A. Santos / 28.04.2006.

Diante da baixa participação de clientes na primeira atividade, a equipe decidiu instalar uma tenda durante a realização da feira para coletar o maior número possível de sugestões a respeito dos vários aspectos que caracterizam os produtos comercializados. (FOTO 6) No interior da tenda, foram colocados cartazes com informações sobre os assentamentos da feira agroecológica e a Lei dos Orgânicos¹⁵. Essa metodologia possibilitou uma melhor interação

¹⁵ Lei No. 10.831, de 23 de Dezembro de 2003, que normatiza sobre a produção na Agricultura Orgânica.

entre os clientes e a equipe do projeto para que, deste modo, fosse possível junto com os camponeses, dar continuidade à elaboração dos critérios para a certificação social.

Estamos, no presente momento, analisando as sugestões propostas pelos clientes em relação à produção/manejo dos alimentos. Concluída a análise, iremos discutir os critérios propostos com um grupo menor de camponeses e clientes que visitarão os assentamentos, para a posterior realização dos procedimentos necessários para a elaboração da *Certificação Social*.



Foto 6 / Tenda armada na feira para coleta de sugestões dos consumidores, no dia de feira, para a construção da *certificação social*. **Foto:** Thiago A. Santos / 05.05.2006.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dificuldades existentes no atual modelo de reforma agrária configuram um cenário com complicações para a consolidação de uma agricultura camponesa nas áreas de assentamentos rurais no Brasil. A ausência de um canal direto de comercialização faz com que os camponeses assentados entreguem grande parte da sua produção aos atravessadores tornando-se seus dependentes. No entanto, mesmo nesse contexto adverso, o campesinato encontra espaço para se (re)criar e levar à sociedade o produto de um modelo de agricultura que entende a terra não como um simples recurso à serviço do capital, mas como meio para a

produção de alimentos saudáveis, com melhoria de renda, calcada na solidariedade e na organização coletiva.

A partir das buscas por alternativas aos problemas dos assentamentos, os camponeses da região da várzea paraibana encontraram não apenas a solução para o problema do escoamento da produção, mas também para aquele da melhoria das condições de produção. Foi assim que optaram por uma nova concepção de vida, onde a preservação da natureza é o caminho para a construção de um futuro mais seguro para a humanidade. A população agora, através da *feira agroecológica da UFPB*, tem a oportunidade de conhecer pelo nome, muitas vezes por apelidos, os responsáveis pela produção dos alimentos que chegam à sua mesa. É possível, deste modo, conhecer a história dos produtos e de quem o produz, através de um divertido encontro semanal por intermédio das feiras. Assim, os camponeses e clientes, agora “amigos”, ratificam, através da agroecologia, não apenas a construção de uma nova relação com a terra, mas também a de um novo lugar-social para o campesinato. É dessa forma que os camponeses passam a atuar como mentores na construção de um novo projeto de futuro para o Brasil e para o mundo, como fica claro na fala de um deles:

Você trabalhando com a agroecologia, você tá melhorando a saúde da sua família, a saúde das famílias da cidade, a saúde do meio-ambiente, que a gente vê aí como está a situação da nossa T(t)erra¹⁶, do nosso planeta. Então eu acho que a gente somos um pingo d'água, mas esse pingo d'água está fluindo, quer dizer, ele tá se expandindo e eu acho que essa é a maior importância que existe, porque a gente tá valorizando a nossa vida e a vida da nossa T(t)erra.¹⁷

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADISSI, P. et. al. **Horticultura Paraibana e o Impacto Ambiental e Social**. Relatório de Pesquisa – João Pessoa-PB, GEA, 1998/1999.

CHAYANOV, A. V. **La Organización de la unidad económica campesina**. Buenos Aires: Nueva Visión.

¹⁶ Não ficou explícito o sentido que foi empregado o termo destacado.

¹⁷ Frase extraída de uma entrevista realizada com Marcos A. T. de Oliveira, membro da coordenação da Ecovárzea e assentado do P.A. Dona Helena, em Cruz do Espírito Santo-PB.

FERREIRA, A. D. D.; BRANDENBURG. A. **Para pensar: outra agricultura**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1998.

MARCOS, V. de. **Reforma agrária e produção camponesa: a realidade dos assentamentos rurais paraibanos**. In: BAMAT, T e NETO, I. G (org). Qualidade de vida e reforma agraria na Paraíba. João Pessoa: Unitrabalho/UFPB, 1998.

MARCOS, V. de. et al. **Feira Agroecológica do Campus I da UFPB: Certificação Social e Revitalização**. Anais do III Simpósio Nacional Geografia Agrária e II Simpósio Internacional de Geografia Agrária, Jornada Ariovaldo Umbelino de Oliveira – Presidente Prudente-SP, 2005 (meio digital *no prelo*).

ARTINS, J. de S. **Os Camponeses e a Política no Brasil**. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 1990.

MARX, K. **O Capital**. 3 ed. São Paulo: Nova Cultural, 5 vols, 1867.

MOLINA, M. G.; SEVILLA, E.G. **Sobre a evolução do conceito de campesinato**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

OLIVEIRA, A.U. de. **Modo capitalista de produção e agricultura**. 2^a. ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. **A Agricultura Camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

Barbárie e Modernidade: As transformações no campo e o agronegócio no Brasil. Terra Livre. São Paulo, Ano 19, v. 2, n. 21. p.140. jul-dez. 2003.

SHANIN, T. (s.d.). **Naturaleza y lógica de la economia campesina**. S.r.: Anagrama.

STEDILE, J. P. (org). **A questão agrária no Brasil: Programas de reforma agrária 1946-2003**. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2005.